

Formação psicanalítica em tempos de caos: a teleanálise como ancoragem^[1]

Alexandre Martins de Mello^[2]

Mauro Campos Balieiro^[3]

Adriana Salvitti^[4]

Alessandra Paula Teobaldo Stocche^[5]

Ana Valéria Guelli Ribeiro^[6]

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa realizada por meio de grupo focal com 11 candidatos de um instituto de psicanálise vinculado à International Psychoanalytical Association. O objetivo foi investigar similaridades e contrastes entre análise didática presencial e teleanálise que ocorreram durante a pandemia de covid-19. Para tanto, elaboramos questões baseadas em uma revisão de literatura e em discussões em grupos de estudos. A gravação e transcrição do grupo focal foi a base para a categorização e a análise temática de conteúdo. Os participantes relataram experiências de perda em relação à análise presencial, mas consideraram positiva a possibilidade de continuar a formação mesmo a distância e de fazer a escolha com seus analistas pelo trabalho remoto. Observaram que experiências prévias na teleanálise, associadas a incertezas e ansiedades mobilizadas pela pandemia, ajudaram a promover a intimidade da dupla no contexto remoto. Por um lado, a continuidade da formação on-line durante a pandemia foi vista como um elemento de estabilidade, comparável à ancoragem de um navio em meio a uma tempestade. Por outro lado, alguns participantes sentiram a teleanálise como perda de ancoragem, semelhante a um barco à deriva.

PALAVRAS-CHAVE: formação psicanalítica, teleanálise, pandemia de covid-19, grupo focal, pesquisa qualitativa

1. Trabalho premiado com o Psychoanalytic Research Exceptional Contribution Award para América Latina em 2025. Os autores também apresentaram o trabalho “Relato de um grupo para estudo e pesquisa de atendimentos em psicanálise por meios remotos” no 28º Congresso Brasileiro de Psicanálise, no Rio de Janeiro, em 26 de março de 2022.

2. Psicanalista e psiquiatra. Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

3. Psicólogo. Doutor em psicologia. Membro filiado do Instituto de Psicanálise da SBPRP e professor titular do curso de psicologia da Universidade Paulista (Unip).

4. Psicóloga. Doutora em psicologia. Membro filiado do Instituto de Psicanálise da SBPRP.

5. Psicanalista e psicóloga. Membro associado da SBPRP.

6. Psicóloga. Membro filiado do Instituto de Psicanálise da SBPRP.

Desde a década de 1950, a literatura psicanalítica apresenta relatos de caso de atendimentos não presenciais (Robertiello, 1972; Saul, 1951; Zalusky, 1998). A partir dos anos 2000, com o uso da internet para chamadas de voz e imagem, os atendimentos não presenciais cresceram exponencialmente à medida que essa forma de comunicação aumentava em velocidade e qualidade (Scharff, 2012). O interesse pelo uso dessa inovação tecnológica evidenciava-se na lotação das salas de conferência em congressos e na publicação de livros como *Psychoanalysis online* (Scharff, 2013), *The digital age on the couch* (Lemma, 2017) e *Screen relations* (Russell, 2015).

A teleanálise foi autorizada pela International Psychoanalytical Association (IPA) para a análise didática sob circunstâncias excepcionais. A pandemia de covid-19 nos colocou em um momento altamente desafiador e caótico. Porém, sintonizados com o nosso tempo, muitos de nós puderam usufruir desses mesmos recursos tecnológicos para manter o atendimento de nossos pacientes, as nossas análises e as atividades societárias.

É inevitável que a realidade externa, em suas diversas formas – tecnologia, pandemias, desastre climático, guerras, crises econômicas –, nos atravessasse em nossos consultórios. Em conformidade com Stukenberg et al. (2022), indagamos se essa presença seria necessariamente um obstáculo ou uma oportunidade para ampliarmos o entendimento da complexidade dos atendimentos psicanalíticos.

Atentos aos desafios contemporâneos, em fevereiro de 2020 foi formado na Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) um grupo de estudos voltado à pesquisa sobre os atendimentos em psicanálise realizados a distância que utilizassem a comunicação via internet.

Com a eclosão da pandemia de covid-19 no Brasil, o grupo seguiu trabalhando de forma on-line, realizando reuniões com leitura de artigos sobre teleanálise. Naquele período, o grupo funcionou como um continente para as angústias ligadas às exigências dos períodos de distanciamento social, aos atendimentos em teleanálise e ao atravessamento de nossa prática pela ameaça à vida causada pela gravidade da doença.

Nos grupos realizados entre 2020 e 2021, questionávamo-nos sobre as dificuldades para a análise de crianças e como se daria a criatividade do analista nesses atendimentos; quais seriam as implicações no atendimento de psicóticos e borderlines; quais seriam os desafios da dupla na construção desse novo *setting*; por que o cansaço do analista parecia ser maior; se haveria mudança na captação da experiência emocional com a ausência do contato presencial, ou seja, com a redução dos estímulos sensoriais; qual seria o impacto da presença corporal no retorno ao presencial; se haveria mudanças na técnica; e, por fim, quais consequências teria a teleanálise para a formação de um psicanalista.

Essas questões convergiam com os temas apresentados no *Report of the IPA Task Force on Psychoanalytic Training in Contemporary Times to the IPA Board of Representatives* (Janssen et al., 2023), que revisava a literatura antes e depois da pandemia de covid-19 com indicações para a formulação de diretrizes sobre o uso da

teleanálise e da análise combinada na formação psicanalítica. O documento também apontava a importância de estudos para balizar e conduzir a formação em psicanálise nesta era digital.

Segundo a literatura, as pesquisas sobre teleanálise utilizam as seguintes metodologias: entrevistas individuais por meio de questionários (Richardson et al., 2021; Sanchez, 2021; Stukenberg et al., 2022); relatos de casos clínicos (Bomba et al., 2021; Carlino, 2014; Ehrlich, 2019, 2020; Fainstein, 2020; Iankilevich, 2021; Leffert, 2003; Perelberg, 2021; Zalusky, 1998); depoimentos de candidatos sobre sua experiência individual de teleanálise (Scharff, 2013); e entrevistas com questões abertas (Zapien, 2025).

Considerando a necessidade de ampliar a compreensão sobre o tema, em especial sobre o impacto da teleanálise na formação de psicanalistas, elaboramos uma proposta de estudo qualitativo por meio de grupo focal, tendo em vista que seu uso para essa investigação se apresenta como uma proposta inédita.

Percurso metodológico

Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa (Hill, 2012) realizado através de um grupo focal que visou investigar o uso da comunicação via internet na formação de psicanalistas no contexto da pandemia de covid-19. O estudo foi aprovado em Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 69003223.2.0000.5512), e não houve intenção ou interesse em avaliar as relações particulares entre os analisandos e seus analistas, mas sim pesquisar as perspectivas do grupo em relação a similaridades e diferenças entre análise didática presencial e teleanálise.

Grupo focal é uma forma de entrevista que visa reunir um pequeno grupo de pessoas para discutir e compartilhar suas opiniões e percepções sobre determinado assunto. Ele se vale da comunicação e da interação entre os seus membros para reunir informações sobre um tópico específico, sugerido pelo coordenador (Trad, 2009).

Trad (2009) aponta que

o grupo focal difere da entrevista individual por basear-se na interação entre as pessoas para obter os dados necessários à pesquisa, e sua formação obedece a critérios previamente determinados pelo pesquisador, de acordo com os objetivos da investigação, cabendo a este a criação de um ambiente favorável à discussão, que propicie aos participantes manifestar suas percepções e pontos de vista. (p. 780)

De acordo com Minayo (2014), “o grupo focal visa obter informações, aprofundando a interação entre os participantes, seja para gerar consensos, seja para explicitar divergências” (p. 269). A capacidade humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos é um dos grandes valores dessa técnica e contrasta com abordagens que priorizam as opiniões individuais.

No presente estudo, elaboramos um roteiro de perguntas com o propósito de estimular a troca de experiências e a discussão entre os participantes. O roteiro

(ver Apêndice) englobou aspectos das diferentes modalidades de análise didática para a formação de psicanalistas, envolvendo similaridades e contrastes entre análise tradicional e teleanálise. O grupo focal foi conduzido por candidatos com treinamento em pesquisa, e realizado em dezembro de 2023.

Foram convidados 25 candidatos que estavam em análise didática durante a pandemia de covid-19, com a condição de que tivessem passado por análise tanto no modo presencial como no remoto. Após o aceite e assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido, participaram do grupo 11 candidatos. A idade dos participantes do grupo focal variou de 33 a 67 anos, com média de 51 anos, e em relação à distribuição de gênero, 10 participantes eram do gênero feminino e 1 do masculino. A distribuição em relação à cidade de residência indica que 6 deles (54,5%) residem na cidade onde suas análises presenciais acontecem, e 5 (45,5%) residem em cidades distantes do consultório de seus analistas. A distância das outras cidades em relação à cidade onde o instituto de psicanálise está situado variou de 82 km (menor distância) a 255 km (maior distância).

O estudo dos dados teve por base a análise temática de conteúdo (Bardin, 1977/2015; Braun & Clarke, 2006; Hill, 2012; Minayo, 2014). Primeiramente, foi realizada a transcrição literal dos relatos gravados em áudio, organizando-os em arquivo digital no programa Microsoft Word®. A partir da leitura, identificamos e organizamos as falas dos participantes em diferentes categorias e subcategorias temáticas (Braun & Clarke, 2020), seguindo as seguintes etapas: (1) reunião dos pesquisadores para familiarização com os dados, leitura das transcrições realizadas e discussões aprofundadas sobre os dados; (2) criação das categorias; (3) combinação e criação de subcategorias; (4) revisão das categorias e subcategorias; e (5) redação dos resultados.

O software MAXQDA 2024®, especialmente desenhado para análises de natureza qualitativa, foi utilizado para analisar os relatos.

Resultados

Os resultados foram organizados em seis categorias temáticas, apresentadas a seguir.

Estados emocionais

Esta categoria reúne relatos sobre os estados emocionais vivenciados no processo de transição para a teleanálise durante a pandemia de covid-19. Inclui estados de fadiga e sentimentos de ansiedade e de estranhamento, especialmente em relação à doença, à contaminação, à morte e à vida, expressando a necessidade de proteção e de adaptação ao trabalho on-line.

Eu fui para casa. Lembro-me de estar muito assustada também. (Participante 11)

Esse cansaço poderia ser que eu estava sentindo alguma coisa . . . Alguma coisa parecia

que eu queria, que eu estava lá com a pessoa, mas eu sentia que estava diferente, né? (Participante 6)

Eu fiquei muito assustada com medo do vírus e, numa terça-feira seguinte, um paciente meu, jovem, espirrou e tossiu muito no atendimento. E dizia assim para mim: “não é covid, não, viu?”. E eu falava: “olha, eu penso que agora não temos como saber”. Aí eu tinha um intervalo de uma meia hora, e a paciente seguinte seria uma senhora diabética, cardíaca. Eu fiquei horrorizada por alguns minutos no final da sessão dessa pessoa. Quando ele foi embora, eu falava: “não posso atender essa senhora, essa outra paciente que veio, não posso atender aqui. Vai que eu mato essa mulher”. Fantasias terríveis. (Participante 3)

Reorganização dos atendimentos diante da pandemia de covid-19

Esta categoria reúne os relatos dos participantes sobre a transição para a teleanálise no atendimento de pacientes durante a pandemia de covid-19. Esta categoria originou três subcategorias, relativas a “Oportunidades abertas pela teleanálise”, “Impossibilidades e limitações do trabalho remoto” e “Desafios técnicos”.

Houve descrição da organização no momento inicial de adaptação diante das circunstâncias vivenciadas.

Eu acho que eu me organizei rapidamente assim. Eu lembro de ir pra casa e começar a propor os atendimentos on-line tanto para crianças, adolescentes e adultos, como com a minha análise. (Participante 1)

Houve apontamentos favoráveis devido à ampliação das oportunidades de trabalho com os atendimentos dos pacientes dos candidatos.

Eu acho interessante porque isso favoreceu também atender pessoas que a gente não atenderia. Então, por exemplo, eu atendi duas pessoas idosas e atendo hoje ainda uma senhora de 86 anos. Depois que acabou a pandemia, ela foi no consultório com muita dificuldade, andando com aquele andador. Mas foi para me conhecer, ela queria ir presencialmente esse dia. E a gente faz por chamada de vídeo. E é interessante como ela liga – se adaptou, aprendeu. (Participante 5)

Por outro lado, foram relatados aspectos relacionados a limitações ou mesmo à impossibilidade do trabalho na modalidade on-line, no caso com crianças.

Fiquei sem nenhuma criança na pandemia. Não consegui dar sequência. Dei sequência com os outros pacientes, mas as crianças se foram. E elas não voltaram. Depois que voltei presencial, nenhuma das minhas crianças [voltou]. E hoje é um outro momento. Mas, naquele momento, elas se foram e ninguém topou fazer on-line. Acho que foi tudo muito assustador. E eu não recuperei. (Participante 10)

Também foram referidos desafios técnicos em relação às dificuldades com a tecnologia, como internet instável e equipamentos inadequados para viabilizar a teleanálise.

A questão da tecnologia foi forte. Fui entender que a internet do consultório não era muito boa, que na minha casa também não era, que o meu notebook estava assim... precisando de um novo. (Participante 2)

Experiências prévias em teleanálise

Esta categoria retrata experiências com a teleanálise anteriores à pandemia de covid-19. Houve relatos sobre atendimentos de pacientes e sobre a própria análise.

Tenho uma experiência diferente assim, porque já tinha essa experiência on-line, com a minha analista, em duas situações bem anteriores, em que eu fiquei doente. Então, fiquei até internada, e aí eu precisei da análise, e ela me atendeu on-line por um tempo. Então, isso nem era cogitado, não existia, acho que era um pecado. Já faz muito tempo. Então, eu tinha tido essa experiência, na época eu até deitava, às vezes, mas foi tranquilo, foi muito confortável assim, né. Então, eu já tinha essa experiência com a minha analista. Então, foi uma coisa natural. (Participante 5)

Pandemia e teleanálise: a pandemia como catalisador

Esta categoria destaca os momentos de maior intimidade no trabalho analítico catalisados pela experiência da pandemia de covid-19.

Essa questão da fertilidade é bem interessante. Eu acho que a pandemia foi um catalisador, aquele reagente que talvez favoreça algo acontecer um pouco mais rápido. (Participante 5)

Acho que foi pela pandemia, não pelo on-line, pela situação de realmente estar vivendo uma situação parecida de todo mundo. Estou falando da dupla com a minha analista. Eu sinto que a pandemia foi o catalisador, eu acho, para essa intimidade, não a teleanálise. Acho que a morte iminente, a possibilidade da morte ou a própria morte que a gente vivia ali, acho que isso, sim, causou as intimidades. (Participante 4)

Considerações sobre formação psicanalítica a distância

Esta categoria reúne vários aspectos referentes às experiências na formação psicanalítica. Houve considerações sobre como reproduzir as peculiaridades do encontro psicanalítico, tal como podemos observar no exemplo a seguir.

Com relação à minha análise, foi tranquilo para mim. No início, eu me deitava para fazer a sessão, eu não conseguia olhar para a câmera, como a gente chegou a comentar nos seminários e tudo mais, essa proximidade com o meu analista, do cara a cara, não era uma coisa permitida por mim até então. E aí eu não conseguia ficar deitada. Eu não encontrava um local onde eu pudesse reproduzir aquele algo próximo do que eu encontrava na sessão em si, no presencial. Eu sou de uma cidade diferente do meu analista, então, o conforto foi pleno. E a segurança e tudo mais. Chamava-me a atenção ele estar no consultório, então, logo que a gente se cumprimentava, tinha algo de semelhante, ao mesmo tempo que o restante não. Mas eu conseguia ter o conforto desse encontro, frente a tudo que a gente estava vivendo, até eu ir para minha casa

atender também meus pacientes on-line. E daí o atendimento em si foi tranquilo, mas tranquilo no sentido, assim, por ser uma pandemia. Até então, eu não concebia essa ideia de análise on-line. A minha ideia de análise precisa daquele *setting*. O *setting* interno era uma coisa que foi muito debatida e construída devido à pandemia e à formação em si, porque, caso contrário, se não fosse a formação, não sei como seria isso. Só que, logo um período depois, na minha cidade, a área da saúde foi obrigada a voltar para o presencial – não sei as demais cidades. Então, alguns meses eu fiquei, uns dois, três meses, no on-line. (Participante 4)

Esta categoria, *Considerações sobre formação psicanalítica a distância*, originou as seguintes subcategorias: “Comparação entre análise presencial e teleanálise”, “Conveniências e necessidades”, “Facilidade na transição entre as modalidades presencial e teleanálise”, “Dificuldades na migração e adaptação para a teleanálise”, “Ambivalência em relação à teleanálise”, “Explorando o novo enquadre”, “Atitude do analista como modelo”, “Construção do *setting* e sensorialidade” e “Repercussões nos seminários teóricos e clínicos”.

A subcategoria “Comparação entre análise presencial e teleanálise” reúne experiências subjetivas sobre as duas modalidades, em suas diferenças, semelhanças, preferências e estranhamentos.

Eu queria acrescentar, estava aqui pensando, hoje não é mais a mesma coisa para eu fazer análise on-line . . . Eu não troco presencial pelo on-line de maneira nenhuma, apesar de ter vivido essa experiência intensa e de maior intimidade naquele momento que eu contei aqui. Hoje eu me vejo continuando na análise presencial esse movimento de intimidade, de entrada, como era no on-line na época da pandemia. Teve uma continuidade indo para o presencial. (Participante 3)

A subcategoria “Conveniências e necessidades” caracteriza-se por relatos referentes às situações em que a análise é facilitada pela evitação de deslocamentos longos, viagens ou situações impeditivas.

Eu fiquei pensando na questão da necessidade. Eu já vivia essa necessidade muito antes, porque sou de uma cidade de quase 200 km daqui. Eu fiz por dois anos somente on-line. E aí, depois, comecei a fazer o curso de psicoterapia. No período em que tinha aula, fazíamos presencial e, nas férias, on-line. Eu acho que eu já vinha construindo esse lugar. (Participante 9)

Às vezes, por exemplo, eu estava de férias e o meu analista não estava, às vezes eu estava aqui perto, em outra cidade. Eu vinha, já cheguei a vir para fazer sessão, hoje eu não venho, faço de lá. Isso continua acontecendo. (Participante 3)

Uma outra subcategoria enfatiza a “Facilidade na transição entre as modalidades presencial e teleanálise” e inclui a relação da dupla analítica sustentando uma transição exitosa entre as modalidades.

Organização de um espaço, na casa, de privacidade que me desse também um certo conforto. Levei livros do consultório pra casa, criei meu consultório ali, assim, de certa forma. Um espacinho foi preciso pra que eu fizesse isso. Então, o que eu me lembro era de tá assustada, de falar muito disso no começo, de estranhar estar em análise on-line, de ficar cansada, exausta, como todo mundo ficou, mas logo naquele início já entender que esse era o caminho. Isso eu não tinha dúvida. (Participante 1)

A subcategoria sobre “Dificuldades na migração e adaptação para a teleanálise” inclui desafios e estranhamentos na experiência de teleanálise para a análise de formação.

Eu lembro de um estranhamento de atender meus pacientes. Levei coisas para minha casa. Eu atendia e era atendida na mesma poltrona. Isso me dava uma sensação estranha, de estar no mesmo lugar, no meu atendimento, como paciente e como terapeuta. Eu sempre deitava, e a proposta era: eu ligo, a gente se vê, fala “oi”, e depois eu colocava sem vídeo, e na hora do final volta o vídeo e fala “tchau”. Foi um tempo até que comecei a ficar muito angustiada, não sabia o que era, e conversamos. E, por alguma forma, chegamos à conclusão de que talvez eu precisava ver ela. Não tive um cheiro nem nada, mas comecei a me sentir muito sozinha, muito. E aí ela me propôs: “que tal a gente fazer hoje, então, face a face, no vídeo?”. E isso me tranquilizou também. (Participante 8)

A subcategoria “Ambivalência em relação à teleanálise” agrega elementos de dificuldade e de facilidade (ou de conforto e conveniência) no contexto da pandemia, retratando certa ambiguidade.

Mas em um estado de alerta e de guerra. Ficou. Ficaram muitos meses assim. No meu consultório quando eu voltei a atender, e aí eu tinha análise com o meu divã, o ficar deitado ali ainda não era alcançado por mim. Então, eu não encontrei esse lugar, um divã que eu pudesse representar fora da análise presencial. Eu até procurei, nesses anos todos, uma forma de estar semelhante à que eu estava no presencial, mas eu, pessoalmente, não consigo encontrar. Então, eu preciso estar no presencial, no deslocamento, perdendo os meus pacientes, podendo estar com o meu nariz vermelho de tanto chorar e não falar para o paciente que eu estou com dor de cabeça, porque em seguida você já entra como paciente. Mas a qualidade, para mim, a análise teve. (Participante 4)

A subcategoria “Explorando o novo enquadre” refere-se aos relatos sobre o enquadre da teleanálise na análise de formação, a partir da pandemia de covid-19, promovendo experiências de fertilidade, de movimento mental, de maior intimidade e de proximidade no trabalho analítico, incluindo relatos de intimidade do vértice do psicanalista em atendimento. Apresentamos a seguir o relato de uma participante expressando sua curiosidade em relação às possibilidades técnicas da teleanálise.

Eu não sei se tem essa pergunta, mas acho que uma coisa curiosa é o fato de a gente ficar se vendo, como em todas as plataformas – essa ideia da gente. Lembro que no começo eu [punha] um post-it em cima de mim, porque eu não sabia onde – depois eu descobri que dava para tirar, mas aí eu tirava, mas aí me dava uma curiosidade. Deixa eu ver como é que eu estou. Deixa eu ver o que acontece quando eu fico lá. (Participante 11)

A subcategoria “Atitude do analista como modelo” refere-se ao analista didata servindo como exemplo para os atendimentos dos pacientes dos participantes.

Parece que eu esperava a minha analista fazer para eu fazer. (Participante 8)

A subcategoria “Construção do *setting* e sensorialidade” contém os relatos sobre a importância da dimensão sensorial.

Então, foi uma coisa bem consonante assim. Então, foi meio natural, não tive, assim, nenhuma ruptura, alguma sensação de que sentia saudade do cheiro do consultório, da vista, das plantas, das coisas que eu via lá, que compõem o *setting*. (Participante 5)

A subcategoria “Repercussões nos seminários teóricos e clínicos” reúne relatos dos participantes sobre a importância das atividades on-line para a continuidade da formação de membros filiados durante a pandemia de covid-19. Foram referidas repercussões tanto positivas como negativas.

É engraçado isso, porque eu estava no puerpério. Estava com a minha pequeninha. Não sei se a minha turma lembra, mas eu estava fazendo tentativas de deixá-la em casa e vir para o seminário. . . . A pandemia viabilizou a continuidade da minha formação. Então, eu consegui continuar, senão acho que teria que trancar mesmo. Porque ela precisava de mim naquele momento. Então, eu estava ali fazendo on-line, então, eu ficava tranquila, porque eu estava ali com a turma e até a babá eletrônica aqui, e eu estava muito tranquila, porque eu sabia que eu estava. Então, isso viabilizou. É muito louco, não é? (Participante 11)

Mas eu também senti muito dos seminários. Eu sentia muita falta da presença física dos colegas. Foi muito difícil nessa situação dos seminários. Foi mais difícil para mim a questão dos seminários do que da análise em si. (Participante 5)

Participação no grupo focal

Esta categoria reúne os relatos dos participantes sobre a experiência de participar do grupo focal para discutir e compartilhar vivências profissionais e pessoais com a teleanálise desde a pandemia. Houve ponderações com aspectos despertados pela riqueza da conversa entre pares.

Ouvindo vocês falarem, eu fui fazendo esse percurso que até então não tinha feito. Está sendo muito interessante isso tudo, essa conversa toda. (Participante 4)

Uma das coisas que também acho importante e que estou vendo que talvez combine com o que a gente está dizendo... Eu também prefiro presencial. Mas, ao mesmo tempo, como essa pesquisa tem essa intenção de também falar a respeito da formação e tudo isso . . . Nós estamos dizendo que vivemos coisas importantes – eu vivo coisas importantes com alguns pacientes que eu atendo on-line, coisas, trabalhos que considero que são emocionantes, são intensos. Então, eu, a princípio, acho até que – obviamente, a gente tá submetido à IPA, a respeitar as orientações, mas, primeiro, acho que é impossível barrar uma coisa que está aí. . . . E um analista tem que saber, um analista e um analisando têm que saber se aquilo está funcionando ou não. . . . Então, acho que isso é muito importante, assim, que essa definição leva em conta a responsabilidade ética que temos que ter, independente de como a gente tá, em ver se tem um trabalho acontecendo, se tem um movimento psíquico acontecendo. Eu acho que esse é o parâmetro, não é se é uma, duas, três, teleanálise ou presencial. O parâmetro é se tem um trabalho acontecendo. E é isso que uma formação deveria fazer. Então, acho isso muito importante. (Participante 1)

Discussão

Os resultados mostram a variedade e a riqueza de temas que surgiram durante o grupo focal, englobando desde nuances emocionais, passando por condições tecnológicas, pela complexidade das análises de formação, pelo trabalho dos candidatos com seus pacientes, pela importância do instituto de psicanálise para o contato com os colegas, até o grupo focal em si como oportunidade para compartilhar e refletir sobre essas experiências. Essas categorias elaboradas não são definitivas, e sim configuram um conjunto de elementos qualitativos que expressam os significados que os candidatos puderam dar às suas experiências de formação naquele momento. Nesse sentido, o grupo ampliou os temas para além dos objetivos iniciais acerca dos contrastes e similaridades entre as duas modalidades de análise. Consideramos que isso se deva tanto à complexidade da questão quanto ao fato de os participantes terem utilizado o grupo focal como continente para trocarem impressões, vivências e dificuldades. Destacamos a importância das experiências prévias em teleanálise bem como da pandemia de covid-19 como promotoras da intimidade da dupla analítica. Ressaltamos a importância das considerações dos participantes sobre a formação psicanalítica a distância, os estados emocionais e as experiências partilhadas entre pares no grupo focal.

Diante da pandemia de covid-19, houve prontidão para trabalhar com a inovação que se impôs, e os participantes ressaltaram que a teleanálise ampliou o alcance do trabalho com seus pacientes. Entretanto, alguns participantes falaram de limitações e enfrentamento de desafios técnicos ligados à qualidade dos computadores e velocidade da internet. Relataram também perda de pacientes pela recusa da teleanálise ou dificuldades técnicas para os atendimentos de crianças. É importante notar também que, de modo geral (além dos dados da pesquisa), se observou um aumento na busca por atendimentos psicológicos durante a pandemia.

Na presente pesquisa, apreendeu-se a pandemia como um catalisador quando os sujeitos questionam se as angústias a respeito da vulnerabilidade à contaminação pelo vírus e da ameaça de morte foram facilitadoras para aprofundamento psicanalítico. A excepcionalidade da referida pandemia fez dela um momento de caos, mas a teleanálise nos ancorou e permitiu o acolhimento para as angústias vivenciadas (Stukenberg et al., 2022).

Para alguns participantes, as experiências prévias em teleanálise parecem ter sido importantes durante a pandemia de covid-19, como um terreno já caminhado e vivenciado em outros momentos na própria análise, seja por doença pessoal, em situação de viagem ou por residir em uma cidade muito distante do instituto de formação. Stukenberg et al. (2022) referem que alguns pacientes que já praticavam a teleanálise ficaram mais focados no aqui-agora e nas autorrevelações do analista. Os tempos sombrios e de grande insegurança vividos durante a pandemia podem ter facilitado um contato mais íntimo entre o analisando e seu analista. Conjecturamos que o medo da morte iminente – seja a própria morte ou a de familiares – e o medo de perder o analista podem ter contribuído para esse movimento.

As considerações sobre a formação analítica trouxeram vários aspectos interessantes. Na comparação entre análise presencial e teleanálise, os participantes falaram claramente sobre a utilidade dessa modalidade para a formação durante a pandemia de covid-19 como um trabalho efetivo. A maior parte dos relatos confirma que houve uma experiência suficientemente boa, a despeito das conveniências e preferências. Scharff (2012) postulou que uma das utilidades da teleanálise seria quando não há possibilidade de deslocamento do paciente, o que ocorreu nos períodos de lockdown. As possibilidades do trabalho no novo *setting* já foram enfatizadas, apontando que a manutenção de um *setting* interno do analista, baseado na escuta, compensou a ausência de elementos sensoriais das sessões presenciais (Luz, 2021), e que o uso da intuição compensou a redução da experiência emocional que vem carregada nos elementos sensoriais (Braga, 2021).

Entre os participantes houve uma referência ao *setting* interno sem que essa formulação teórica fosse desenvolvida. Parsons (2007) descreve a importância desse conceito para a apreensão de conteúdo do paciente através das manifestações que partem do inconsciente e pré-consciente do psicanalista, e não de comunicações diretas por parte do paciente. Esse autor discute a liberdade do analista para a escuta e observação do relacionamento da dupla como algo próximo à escuta de uma poesia, algo que envolve uma experiência que está além da métrica e do significado das palavras e envolve a musicalidade da fala. Freud (1912/1996) lembra aos analistas da importância de adaptar a recepção ao que o paciente diz e faz, à semelhança de um receptor de telefone conectado ao microfone do outro lado.

Alguns dos participantes referiram lacunas significativas com a teleanálise, por perda das sensações inerentes à análise presencial, ambivalência e dificuldades na migração e adaptação à teleanálise. No entanto, ressaltaram o conforto e a

conveniência da teleanálise, por não terem que se deslocar e não haver o risco de contaminação deles e do analista pelo vírus. Muitos relatos mencionam a preferência pelo trabalho psicanalítico presencial, a despeito do reconhecimento de que é possível e muitas vezes cômodo ou necessário fazer sessões de teleanálise, à semelhança do estudo de Stukenberg et al. (2022).

Por outro lado, houve uma situação descrita como perda na qualidade da interação na teleanálise a despeito de se ter ressaltado um conforto por não viajar e por ter mais segurança no contexto de gravidade da pandemia. Essa opinião também refere um momento de redução do número de sessões após o término do período de análise didática. Em nossa interpretação, essa vivência desfavorável à teleanálise pode ter relação com a perda de outros parâmetros do *setting*.

Com relação ao novo *setting*, houve relatos que abordaram experiências de fertilidade e de movimento mental durante os atendimentos, incluindo momentos lúdicos entre paciente e analista. Esse potencial de construção de um espaço em que o “jogo” analítico ganha sentido e significado também pode estar presente na teleanálise (Bystronski, 2021).

Nos aspectos referentes à construção do *setting* e à sensorialidade, os candidatos discorreram sobre a importância para o trabalho psicanalítico de alguns elementos sensoriais encontrados nos atendimentos presenciais, que não são perceptíveis por meio da teleanálise.

Em relação às repercussões nos seminários clínicos e teóricos, por um lado a experiência da teleanálise possibilitou a realização da formação, permitindo conciliar, por exemplo, funções maternas com as atividades curriculares. Mas, por outro, levou à perda da presença da turma toda (Stukenberg et al., 2022).

Quanto aos estados emocionais, os participantes referiram cansaço, medo e pavor diante das ameaças da pandemia. A fadiga foi atribuída à necessidade de adaptação ao novo enquadre, no qual o analista se esforça para lidar com a ausência da presença corporal. Esses aspectos são semelhantes aos apontados por Braga (2021) e Luz (2021).

A vivência partilhada no grupo focal constituiu um dos pontos de maior riqueza do grupo de candidatos, destacando o seu contentamento por serem ouvidos e pelas experiências relatadas entre pares, bem como sua satisfação em participar de uma sociedade pertencente à IPA. Mas também ressaltaram a importância do trabalho psicanalítico como fruto de um acordo sensível e singular entre analista e paciente, buscando o melhor arranjo possível entre as normas ideais e o alinhamento viável para aquele momento do candidato.

Considerações finais

A pesquisa qualitativa possibilitou apreender algumas similaridades e contrastes entre a análise didática presencial e a teleanálise na formação de psicanalistas. O interesse desta investigação acabou sendo um dentre vários temas abordados no grupo

focal, dadas a riqueza dos relatos e a necessidade que os participantes mostraram de trocar suas experiências. Com a distância da pandemia e o posterior arrefecimento dessa necessidade, acreditamos que a questão da pesquisa poderá ser revisitada em outros grupos focais, gerando novos resultados e aprofundamentos. Os resultados trazem as percepções de algumas diferenças entre as duas modalidades, havendo unanimidade na identificação da necessidade de mais estudos.

Por um lado, a continuidade da formação on-line durante a pandemia de covid-19 foi vista como um elemento de estabilidade, comparável à ancoragem de um navio em meio a uma tempestade. Por outro, alguns participantes sentiram a teleanálise como perda de ancoragem, semelhante a um barco à deriva.

Formación psicoanalítica en tiempos de caos:

el análisis a distancia como anclaje

Resumen: Este artículo presenta los resultados de una investigación cualitativa realizada mediante un grupo focal con 11 candidatos de un instituto de psicoanálisis vinculado a la International Psychoanalytical Association. El objetivo fue investigar las similitudes y contrastes entre el análisis didáctico presencial y el análisis a distancia que se produjeron durante la pandemia de covid-19. Para ello, elaboramos preguntas basadas en una revisión de la literatura y en debates en grupos de estudio. La grabación y transcripción del grupo sirvió de base para la categorización y el análisis temático del contenido. Los participantes relataron experiencias de pérdida en relación con el análisis presencial, pero consideraron positiva la posibilidad de continuar la formación a distancia y de optar por el trabajo remoto con sus analistas. Observaron que las experiencias previas en análisis a distancia, asociadas a las incertidumbres y ansiedades movilizadas por la pandemia, ayudaron a promover la intimidad del dúo en el contexto a distancia. Por un lado, la continuidad de la formación en línea durante la pandemia se consideró un elemento de estabilidad, comparable al anclaje de un barco en medio de una tormenta. Por otro lado, algunos participantes sintieron el análisis a distancia como una pérdida de anclaje, similar a un barco a la deriva.

Palabras clave: formación psicoanalítica, análisis a distancia, pandemia de covid-19, grupo focal, investigación cualitativa

Psychoanalytic training in times of chaos: teleanalysis as anchoring

Abstract: This article presents the results of a qualitative study conducted through a focus group with 11 candidates from a psychoanalytic institute affiliated with the International Psychoanalytical Association. The study aimed at investigating similarities and contrasts between in-person didactic analysis and teleanalysis

during the COVID-19 pandemic. To this end, we developed questions based on a literature review and discussions in study groups. The focal group's recording and transcription served as the basis for categorization and thematic content analysis. Participants reported experiences of loss in relation to in-person analysis, yet welcomed the possibility of continuing their training at a distance and of making a shared decision with their analysts to work remotely. They noted that prior experiences with teleanalysis, combined with the uncertainties and anxieties mobilized by the pandemic, helped foster greater intimacy within the dyad in the remote setting. On the one hand, the continuity of online training during the pandemic was seen as a source of stability, comparable to a ship's anchoring during a storm. On the other hand, some participants experienced teleanalysis as a loss of anchoring, like a boat adrift.

Keywords: psychoanalytic training, teleanalysis, COVID-19 pandemic, focus group, qualitative research

Referências

- Bardin, L. (2015). *Análise de conteúdo* (4a ed. rev. e atual.). Edições 70. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bomba, M., Alibert, J.-F., & Velt, J. (2021). Playing and virtual reality: teleanalysis with children and adolescents during the covid-19 pandemic. *The International Journal of Psychoanalysis*, 102(1), 159-177. <https://doi.org/10.1080/00207578.2021.1876401>
- Braga, J. C. (2021). Cogitações sobre experiências emocionais e intuições a partir da experiência com atendimento psicanalítico a distância. *Bergasse* 19, 11(1), 17-26. <https://bit.ly/4prYqXa>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(3), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Braun, V., & Clarke, V. (2020). One size fits all? What counts as quality practice in (reflexive) thematic analysis? *Qualitative Research in Psychology*, 18(3), 328-352. <https://doi.org/10.1080/14780887.2020.1769238>
- Bystronski, D. P. (2021). O corpo do campo. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 28(2), 407-428. <https://bit.ly/44pFUX7>
- Carlino, R. (2014). Reflexiones actuales sobre el psicoanálisis a distancia. *Revista de la Sociedad Argentina de Psicoanálisis*, 18(1), 173-197. <https://bit.ly/49c4ZXd>
- Ehrlich, L. T. (2019). Teleanalysis: slippery slope or rich opportunity? *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 67(2), 249-279. <https://doi.org/10.1177/0003065119847170>
- Ehrlich, L. T. (2020). The case of J: working as a psychoanalyst during the pandemic. *The International Journal of Psychoanalysis*, 101(4), 791-796. <https://doi.org/10.1080/00207578.2020.1800951>
- Fainstein, A. (2020). Psicoanálisis en tiempo de pandemia. *Revista Psicoanálisis*, 25(1), 10-18. <https://bit.ly/4aGk9Gk>
- Freud, S. (1996). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud: Vol. 12. O caso Schreber, Artigos sobre*

- técnica e outros trabalhos (1911-1913) (pp. 121-133). Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Hill, C. E. (Ed.). (2012). *Consensual qualitative research: a practical resource for investigating social science phenomena*. American Psychological Association.
- Iankilevich, E. (2021). E então sai do consultório... *Revista de Psicanálise da SPPA*, 28(2), 429-448. <https://bit.ly/496CdYX>
- Janssen, A., Artaloytia, J. F., Björklind, C., Bomba, M., Borensztein, C., Essig, T., Warren, M. H. L., Manguel de Maniowicz, L. P., Schiller, B-M., & Crake, P. (2023, 6 de novembro). *Report of the IPA Task Force on Psychoanalytic Training in Contemporary Times to the IPA Board of Representatives*. International Psychoanalytical Association. <https://bit.ly/4jlf6Yr>
- Leffert, M. (2003). Analysis and psychotherapy by telephone: twenty years of clinical experience. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 51(1), 101-130. <https://doi.org/10.1177/00030651030510011301>
- Lemma, A. (2017). *The digital age on the couch: psychoanalytic practice and new media*. Routledge.
- Luz, A. B. (2021). A pandemia: relato pessoal após um ano de atendimento on-line. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 28(2), 391-406. <https://bit.ly/4abe7gP>
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (14a ed.). Hucitec.
- Parsons, M. (2007). Raiding the inarticulate: the internal analytic setting and listening beyond countertransference. *The International Journal of Psychoanalysis*, 88(6), 1441-1456. <https://doi.org/10.1516/T564-G13J-400H-2W23>
- Perelberg, R. J. (2021). The empty couch: love and mourning in times of confinement. *The International Journal of Psychoanalysis*, 102(1), 16-30. <https://doi.org/10.1080/00207578.2021.1882260>
- Richardson, J., Cabaniss, D., Cherry, S., Halperin, J., & Vaughan, S. (2021). Emergency remote training in psychoanalysis and psychotherapy: an initial assessment from Columbia. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 68(6), 1065-1086. <https://doi.org/10.1177/0003065120980489>
- Robertiello, R. C. (1972). Telephone sessions. *Psychoanalytic Review*, 59(4), 633-634.
- Russell, G. I. (2015). *Screen relations: the limits of computer-mediated psychoanalysis and psychotherapy*. Karnac.
- Sanchez, L. F. (2021). Experiências de analistas didatas com o atendimento psicanalítico on-line em tempos de pandemia. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 28(2), 449-471. <https://bit.ly/48POTCn>
- Saul, L. J. (1951). A note on the telephone as a technical aid. *The Psychoanalytic Quarterly*, 20(2), 287-290. <https://doi.org/10.1080/21674086.1951.11925845>
- Scharff, J. S. (2012). Clinical issues in analyses over the telephone and the internet. *The International Journal of Psychoanalysis*, 93(1), 81-95. <https://doi.org/10.1111/j.1745-8315.2011.00548.x>
- Scharff, J. S. (2013). *Psychoanalysis online: mental health, teletherapy, and training*. Karnac.
- Stukenberg, K. W., Moriwaki, A. N., & Fisher, C. P. (2022). New frontiers or new countries? A survey assessing COVID, telehealth, and innovation in psychoanalysis. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 70(4), 695-728. <https://doi.org/10.1177/00030651221113776>
- Trad, L. A. B. (2009). Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 19(3), 777-796. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000300013>
- Zalusky, S. (1998). Telephone analysis: out of sight, but not out of mind. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 46(4), 1221-1242. <https://doi.org/10.1177/00030651980460041601>

Zapien, N. (2025). The phenomenology of teleanalysis: a research study of the experiences of analysts and candidates in training analyses in the US during 2 years of the covid-19 pandemic. *The International Journal of Psychoanalysis*, 106(2), 340-362. <https://doi.org/10.1080/00207578.2024.2371561>

Alexandre Martins de Mello
E-mail: ammelloalexandre@gmail.com

Mauro Campos Balieiro
E-mail: maurobalieiro@gmail.com

Adriana Salvitti
E-mail: adrianasalvitti@gmail.com

Alessandra Paula Teobaldo Stocche
E-mail: ateobaldo@gmail.com

Ana Valéria Guelli Ribeiro
E-mail: guellianav@terra.com.br

Artigo recebido em 22/11/2025
Artigo aceito em 15/12/2025

Editora responsável pelo artigo: Ana Cláudia G. R. de Almeida

Apêndice – Roteiro de Entrevista com Grupo Focal

Modalidades de análise didática para a formação de analistas: similaridades e contrastes entre análise tradicional e teleanálise examinados por intermédio de grupos focais

Todos que estão aqui participaram de um acontecimento que introduziu uma mudança no *setting* das análises didáticas. A IPA permitiu excepcionalmente que essas análises pudessem ocorrer on-line durante a pandemia de covid-19. A partir dessa vivência que vocês tiveram, temos algumas questões que gostaríamos que o grupo debatesse. Não há respostas certas ou erradas, nem estamos interessados em aspectos particulares da análise pessoal de cada um. Gostaríamos de conhecer melhor a vivência de vocês na modalidade remota (teleanálise) em contraste com o trabalho presencial, e que o grupo possa colocar em circulação as ideias que surgirem com toda liberdade. O grupo será gravado e terá a duração de 90 minutos.

I. Aquecimento, aproximação ao objeto de estudo

- 1) Gostaríamos que vocês inicialmente conversassem um pouco sobre a experiência de análise assim que o isolamento social pela covid-19 se tornou necessário. De que forma vocês se organizaram?

II. Interferência da realidade externa

2. Quais interferências da realidade da pandemia com seus riscos e suas notícias de adoecimentos e mortes trouxeram para sua experiência de análise didática?
3. Vocês tiveram problemas de conexão de internet ou com as plataformas utilizadas durante sua experiência de análise on-line?

III. Qualidade do trabalho

4. Quais foram os desafios que vocês enfrentaram para manter e proteger sua análise didática na modalidade on-line? O que foi feito e como isso afetou a análise?
5. Considerando que o movimento e a fertilidade da mente na sessão são fatores de qualidade de uma análise, para vocês esse movimento é mais fácil, difícil ou independe de ser uma teleanálise ou uma análise presencial?
6. A modalidade remota abriu dimensões novas na sua análise que somente ela teria propiciado?
7. A modalidade remota foi um “portal” singular e único para inesperadas transferências e resistências?

IV. O papel da sensorialidade no setting

8. Falem um pouco sobre a importância que seu corpo passou a ter na modalidade remota. Aumentou ou diminuiu a sua importância?

V. Treinamento

9. Você teve algum tipo de treinamento para atender em teleanálise? Gostaríamos que o grupo discutisse se há especificidades nessa modalidade e que tipo de treinamento seria importante.

VI. Comparação no momento do retorno ao presencial

10. Caso sua análise didática tenha sido exclusivamente remota durante a pandemia, comentem um pouco sobre o retorno ao trabalho presencial.

VII. Justificativa ou pertinência do modelo

11. Na opinião de vocês como membros filiados, em quais situações o uso da teleanálise se justifica para a análise didática?

VIII. Ganhos e perdas a partir da experiência

12. Quais as vantagens ou desvantagens de atender seus pacientes em teleanálise?

13. Quais as vantagens e desvantagens do uso da teleanálise para a análise didática?

14. Quais as vantagens ou desvantagens de fazer supervisão em teleanálise?

15. Qual modalidade vocês preferem e por quê?

16. Quais são as suas experiências anteriores à pandemia em relação ao meio digital? Por exemplo: algum curso que tenham frequentado, fossem vocês palestrantes ou ouvintes. Se houve esse aprendizado, eles geraram pré-requisitos para as demandas da pandemia?

17. Antes da pandemia a análise virtual era discriminada, inclusive para a IPA, cuja legislação trazia a obediência ao presencial dentro de um rigor de número de sessões. Nesse sentido, a experiência do tempo de pandemia pode ser um indicador da necessidade de repensar outros parâmetros para o processo de formação?

18. A pandemia oferece um olhar por outra perspectiva também. Ela expande limites territoriais e oferece aos candidatos em formação a busca por um universo sem fronteiras. Há um *setting* envolvendo uma dupla em diferentes espaços físicos, com a possibilidade de contato com estrangeiros também. Essa abertura de perspectivas tem sido um ganho em termos de aprendizado?

19. Considerando que o movimento e a fertilidade da mente na sessão são fatores que estão presentes em todas as análises de vocês como pacientes ou analistas em formação, gostaríamos que o grupo conversasse sobre a modalidade on-line em contraste com a presencial, pensando se esse movimento é mais fácil, difícil ou independe de ser uma teleanálise ou uma análise presencial?